

Gosto de Ti – a expressão do afeto nos livros para crianças

Lucília Carrilho*

Resumo

Neste artigo pretende demonstrar-se que a expressão do afeto está presente em vários álbuns para a infância, incidindo a nossa análise em dois livros intitulados *Gosto de Ti* com o propósito de se proceder a uma reflexão sobre a forma como ambos abordam a temática dos afetos, no texto verbal e nas ilustrações.

Palavras-chave: álbuns ilustrados; infância; afetos.

Abstract

This article argues that the expression of affection is present in several albums for children. Our analysis focus on two books entitled *I Love You* with the purpose to engage a reflection on how both verbal text and illustrations express the thematic of the affection.

Keywords: illustrated albums; childhood; affections.

“São os afectos e os sentimentos que dão cor à vida” (Cabral, H. 2010)

As obras que serão objeto de apreciação neste artigo, ambas com o título *Gosto de Ti*, da autoria de Fernanda Serrano, a primeira, e de Bénédicte Carboneill, a segunda, tematizam e desmontam, do ponto de vista discursivo, a relação afetiva que se estabelece entre o sujeito textual criança e diversas representações da alteridade.

A opção por estas duas obras não incidiu prioritariamente em critérios estético-literários, uma vez que, apesar de serem livros apelativos para as crianças, não possuem, a meu ver, a dimensão literária que as permite integrar no paradigma da literatura infantil. Mas, e porque defendo que os gostos das crianças não podem ser totalmente ignorados neste processo fascinante de contacto com o livro desde tenra idade, embora, naturalmente, o adulto mediador deva promover o contacto com o livro de qualidade de forma a

desenvolver na criança a sua sensibilidade estética e a reflexão sobre o mundo e o poder da linguagem – verbal e icónica -, decidi abordá-los na perspetiva do eventual impacto emocional que os livros provocam no público infantil, em particular nos pré-leitores.

Assim sendo, foi meu propósito inicial desenvolver um trabalho prático com crianças em idade pré-escolar a partir da obra de Fernanda Serrano, de modo a compreender, por um lado, a receptividade das crianças à obra, e, por outro, as suas conceções sobre a figura materna e a relação afetiva que cada criança estabelece com a sua própria mãe. No fundo, pretendi utilizar o livro como pretexto para desenvolver em cada criança a sua capacidade reflexiva e argumentativa, recorrendo à sua experiência vivencial e emotiva.

Como os estudos na área da Psicologia do Desenvolvimento demonstram, em particular os realizados por John Bowlby, no que diz respeito ao processo de vinculação na

* Mestranda em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco na Escola Superior de Educação de Portalegre

infância, a mãe (ou o seu substituto) é a pessoa com quem a criança estabelece a primeira relação afetiva de proximidade, desempenhando um papel crucial na satisfação das necessidades fisiológicas e afetivas da criança. Na verdade, o processo de vinculação assenta nessa relação de interdependência mútua entre mãe e filho que pode ser considerada a primeira aprendizagem psicossocial da criança.

Nesse sentido, como refere Gabriela Portugal (1998: 49),

(...) a relação que se estabelece entre mãe e filho, a partir do nascimento, é sem dúvida o aspecto psicológico mais importante da vida do bebé. Não só porque facilita os primeiros modelos de experiência através dos quais se modela o mundo relacional interior mas também porque através da relação com a mãe aprende a distinguir-se a si mesmo do mundo exterior e a adquirir uma individualidade própria.

Assim, neste processo de vinculação, a relação afetiva gerada entre criança e a mãe (ou cuidador), onde toda a gestualidade da ternura – que inclui o tocar, o abraçar, o beijar, o acariciar – é demonstrativa do amor incondicional pela criança (e desta pela mãe ou cuidador), é determinante no processo de desenvolvimento global e harmonioso do ser em crescimento.

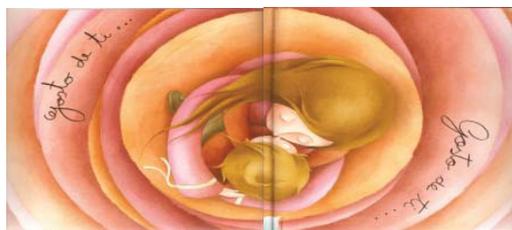
Desta forma se percebe a importância dos afetos em qualquer idade, mas muito particularmente durante a infância, porque é então que se estabelecem os alicerces da personalidade de cada ser humano e das estruturas emocionais que irão condicionar a sua conduta social ao longo da vida. Dependendo da relação afetiva que as crianças mantêm com aqueles que lhe são mais próximos, assim será a sua forma de se relacionarem com os outros: criando laços, como nos ensinou Saint Exupéry, no seu *Príncipezinho* (se as relações precocemente estabelecidas com as figuras de vinculação forem positivas), ou adotando uma atitude mais reservada e contida, por vezes até agressiva (se o não forem).

Os livros para crianças aqui abordados enfatizam precisamente essa dimensão afetiva que se estabelece entre a criança e a sua progenitora, ou outras representações da alteridade, de uma forma (se não literária pelo menos) comovente.

Assim, a obra de Fernanda Serrano trata a temática dos afetos quer na perspetiva do filho quer na da mãe. Aliás, a originalidade deste livro (que passa também pela existência de duas capas ao invés do modelo tradicional, que possui uma contracapa a fechar o livro) consiste no facto de essas duas perspetivas serem apresentadas de modo a possibilitar duas leituras: a da mãe e a do filho.

Essa leitura dual inicia-se ao nível do paratexto, porque numa das capas o protagonismo visual é concedido à figura materna, embora o filho também surja parcialmente representado, e na segunda capa (que, para ser lida, implica que haja da parte do leitor o movimento de a virar ao contrário), o protagonismo visual é concedido ao filho. A estratégia, aliada ao título do livro, permite antecipar o conteúdo e a criança, tal como pude verificar na prática, facilmente prevê que há dois pontos de vista neste livro: o da mãe que gosta do filho e o do filho que gosta da mãe.

A leitura do livro, que é composto por uma sucessão de frases que a mãe diz ao filho e que o filho diz à mãe, também acompanha esse movimento giratório que acontece quando se pega no objeto e se o manuseia. A leitura da primeira parte obedece à direccionalidade habitual na leitura de qualquer livro na cultura ocidental – da esquerda para a direita –, mas, chegando ao ponto nevrálgico do livro, em que surge plasticamente representado um abraço entre mãe e filho, em círculos coloridos que simbolizam a união, o carinho e o amor absoluto, é necessário virar o livro ao contrário para se poder ler as frases do filho em relação à mãe.



Do ponto de vista discursivo e estilístico, as frases, tendencialmente curtas, obedecem a uma estrutura repetitiva que reforça a ideia do afeto, mas são, em rigor, desprovidas de artificialismos de linguagem e de uma dimensão metafórica realmente produtiva do ponto de vista semântico. De realçar

apenas a entrada de cada frase pela anáfora “Gosto de ti”, que culmina no ponto de exclamação, de forma a reforçar a intensidade do afeto transmitido pelo discurso verbal.



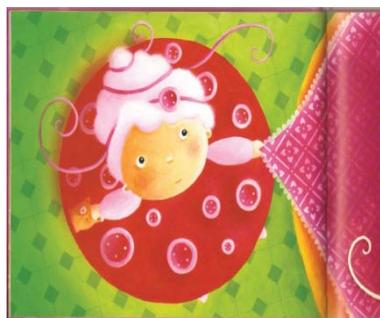
Além disso, o vocabulário é demasiado redutor e simplista, abusando de diminutivos que, utilizados desta forma, podem provocar desgaste no momento da leitura.



Ainda assim, é um livro de que as crianças pré-leitoras geralmente gostam, por nele poderem ver projetadas as suas emoções e as suas vivências e porque as ilustrações, muito apelativas e recorrendo a uma paleta de cores suaves, criam uma atmosfera encantatória em todo o livro. É certo que dificilmente o consideramos uma obra de arte, mas, na minha opinião, não podemos desvalorizar os gostos das crianças, sob o risco de podermos perder eventuais futuros leitores. Devemos, sim, como defende Teresa Mergulhão, oferecer-lhes alternativas semântica e esteticamente congruentes para que a criança vá desenvolvendo a sua sensibilidade artística, ajudando-a dessa forma a educar o olhar.

Já a obra de Bénédicte Carboneli, baseada também na temática dos afetos, apresenta traços muito diferentes da de Fernanda Serrano. Rosa, a protagonista des-

ta história, é uma menina com dúvidas em relação ao significado da palavra Gostar. O diálogo apresentado no livro desenvolve-se em torno da questão: como se mede o amor?



“A menina julgava ter compreendido, mas, (...) – Que se passa, meu botãozinho de rosa? – pergunta afectuosa a mãe. – Diz-me, mamã, tu gostas de mim? – Mas é claro que sim! Que pergunta!”

A confusão de Rosa surge após o seu amigo Hugo lhe confessar: “Gosto mais de ti do que qualquer outra pessoa!”. Rosa fica surpreendida e confusa, questionando-se: “Como é que ele sabia isso?”. Após um percurso indagador que a leva a questionar várias pessoas, Rosa chega à conclusão que “O amor é tudo o que temos no coração para aqueles de quem mais gostamos.”.

Tal como na obra de Fernanda Serrano, no livro de Bénédicte Carboneli descreve-se de forma carinhosa a temática dos afetos, num clima harmonioso, num encadeamento pergunta/resposta ao longo de toda a narrativa, utilizando-se termos como: carinho; filhinha querida; colo; abraçando-a; beijinhos; cócegas, etc.

No que diz respeito aos modos de expressão literária mais recorrentes nesta obra, regista-se uma clara incidência no diálogo, onde predomina a interrogação, que vai cruzando a narração propriamente dita.





Assim, estas duas obras, dirigidas preferencialmente a um público pré-leitor, têm em comum o tema – visível logo aquando da leitura do título –, sendo claro que ambas valorizam a demonstração do afeto entre crianças e adultos e entre crianças e os seus pares. Se a obra de Fernanda Serrano é mais simples (eu diria infantilizante) do que a de Bénédicte Carboneli, o certo é que, em ambas, a criança pré-leitora poderá encontrar, por um lado, ecos da sua própria existência e das relações que estabelece (ou que gostaria de estabelecer com os outros), e, por outro lado, respostas possíveis para dúvidas naturais relativamente às diversas formas de se gostar dos outros. Nesse sentido, a obra de Carboneli possui uma dimensão claramente pedagógica.

A obra de Fernanda Serrano, escolhida por ter sido aquela em que houve maior adesão inicial por parte do grupo de 16 crianças com quem trabalhei diretamente (com idades compreendidas entre os 5 e 6 anos, a frequentar a Educação Pré-Escolar), serviu de base a um trabalho prático que tinha como objetivos testar empiricamente a receptividade das crianças à obra selecionada, verificar quais as suas conceções sobre a Mãe e estimular nas crianças a verbalização do afeto como uma das formas de desenvolver a sua expressão oral.

As atividades implementadas foram:

- Hora do conto (pré-leitura/leitura expressiva e pós-leitura, com a exploração da história);
- Actividade de expressão plástica (desenho a caneta de feltro em papel colorido).

A hora do conto teve boa aceitação por parte das crianças, que se mostraram atentas e bastante participativas. À medida que ia sendo explorada a história, muitas quiseram contribuir com o seu relato pessoal, centrado na sua for-

ma de gostar da mãe. As frases proferidas pelas crianças foram registadas em quadros.

Para a atividade de expressão plástica, foi solicitado às crianças que desenhassem a forma como gostam da mãe. Também nesta tarefa todas as crianças se mostraram muito participativas. Todas desenvolveram o seu trabalho com gosto e dedicação. À medida que cada criança terminava o seu desenho, foi desenvolvida a interpretação do mesmo através da explicação dada por cada uma.

Os desenhos desenvolvidos pelas crianças, bem como a sua interpretação, revelaram grande originalidade e criatividade, pelo que os materiais produzidos foram reunidos num «suporte de leitura», a que se deu o título do livro que serviu de base a esta atividade: *Gosto de Ti*.



Imagens do «Suporte de leitura»

Em jeito de conclusão, gostaria de sublinhar a importância que os livros têm na transmissão de afetos e de valores. Se é certo que o principal objetivo de um livro para crianças (como, aliás, o é também para adultos) é o de proporcionar o prazer de ler e a fruição estética, não deixa de ser verdade que muitos livros para crianças (inseridos ou não no paradigma da literatura infantil) são um veículo privilegiado de modelização do mundo, como defendia Aguiar e Silva na sua “Nótula sobre o conceito de literatura infantil”. Nessa medida, os livros em geral e a Literatura Infantil em particular têm um papel relevante no crescimento intelectual, psicoafetivo e relacional da criança.

Concretamente no que ao trabalho prático diz respeito, foi gratificante a forma como as crianças participaram nas atividades desenvolvidas, envolvendo-se e partilhando abertamente e de forma espontânea com o grupo as suas emoções e as suas conceções sobre a Mãe e as diferentes formas de se gostar.

Bibliografia

Aguiar e Silva, V. M. (1981). “*Nótula Sobre o Conceito de Literatura Infantil*”. Sá, D. G.(coord). A Literatura Infantil em Portugal. Acheegas para a sua história. Braga: Editorial Franciscana, pp. 1-4;

Cabral, H. (2010). *Nós de Amor*. Lisboa. Clube do Autor;

Mergulhão, T. (2006). “*Literatura para crianças: contributos para uma (re)definição*”. A Criança, a Língua, o Imaginário e o Texto Literário. Centro e Margens na Literatura para Crianças e Jovens. Actas do II Congresso Internacional. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança;

Montagner, H. (1993). *A Vinculação. A Aurora da Ternura*. Lisboa: Instituto Piaget.

Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches. Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.